

FERNANDA MARINHO

Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha – 25 de Julho

Resistência é ser mulher –e negra– em um país machista e racista, como o nosso. Estudos apontam que as chances de uma mulher ser vítima de violência doméstica aumentam drasticamente enquanto estivermos na base da pirâmide salarial do país. Representamos a maioria da população brasileira em números, porém, não temos essa representatividade na política ou em qualquer meio social.

Desde os anos de 1980, mulheres negras, latino-americanas e caribenhas, já discutiam a violência e a falta de visibilidade que sofriam em nosso continente. Em 1992, por exemplo, essas mulheres se reuniram na República Dominicana e instituíram o dia 25 de julho como o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. A partir de então, com o reconhecimento da ONU, essa data passa a ser um dia de homenagem e reflexão sobre essas mulheres.



Tereza Benguela
Líder Quilombola
Mato Grosso, século XVIII

No Brasil, em 2014 o dia 25 de julho, com a Lei 12.987/2014 passou a ser celebrado o dia Nacional de Tereza Benguela, que foi uma quilombola rainha do Quilombo do Quariterê no séc. XVIII. Ela foi a responsável por tornar este um dos quilombos mais resistentes à escravatura na época, que se localizava no Estado do Mato Grosso. Durante sua liderança, Benguela organizou com maestria e resistência a produção de armas, plantações e sobrevivência dos quilombolas e indígenas que viviam ali. Benguela foi capturada, torturada e assassinada, tendo sua cabeça exposta em praça pública pelos bandeirantes da capitania do Mato Grosso por volta de 1770, tornando-se referência e inspiração para todas as mulheres negras no Brasil.

A luta das mulheres negras perdura até os dias de hoje. Mesmo com as leis impostas nos anos de 2003/2008 (Lei 10639/2003 e 11645/08, que traz a obrigatoriedade da inclusão nas escolas, da história e cultura afro-brasileira e história da África e indígena), 2010 (Lei 12.288/2010 do Estatuto da Igualdade Racial), e 2014 (Lei nº 12.987/2014, Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra), o

preconceito, o racismo, o machismo, o feminicídio, e a invisibilidade da mulher negra continuam sendo problemas sérios em nossa sociedade, que conta com índices elevadíssimos de violência contra essa parcela da população brasileira.

Segundo o IBGE, mais da metade da população do Brasil se auto declara afro descendente, mesmo assim, estão na linha de exclusão social, com menos acesso à educação, saúde e participação na política. Sendo mulher e negra, a linha do abismo social existente no Brasil se acentua ainda mais. Pouquíssimas mulheres negras, e até mesmo indígenas, tiveram destaque perante a sociedade. Mulheres foram e são aguerridas, lutadoras e conscientes de seu papel na sociedade e na história de seu povo.

A representatividade de negros nos principais âmbitos legislativos, ainda segundo o IBGE, é de 0,0001% e, se tratando de negras ocupando uma cadeira a diferença é ainda maior, não chegando nem perto da quantidade de cadeiras ocupadas por políticos homens negros. No entanto, Antonieta de Barros (1901-1952) foi a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular no Brasil (séc. XX), Marielle Franco, negra nascida e criada na favela no Rio, elegeu-se vereadora em 2017 e foi assassinada em 2018, Epsy Campbell Barr, com 55 anos, foi a primeira mulher negra a assumir o cargo de vice-presidente na Costa Rica em 2018.

Outras vozes negras também ecoaram na música, nas representações teatrais, no cinema e nos livros, mostrando a resistência negra feminina, como a saudosa Jovelina Pérola Negra (1944-1998), Ruth de Souza (1921-2019), Clementina de Jesus (1901-1987), Yalorixá Stella de Oxossi (1925-2018), dentre tantas outras mulheres negras latino-americana e caribenhas. Um eterno agradecimento a todas, que de alguma forma sempre estiveram ali lutando com as armas que tinham, e é através dessas lutas que muitas negras se encorajaram na oportunidade de manifesto¹.



Jovelina Pérola Negra

Ruth de Souza

Clementina de Jesus

Yalorixá Stella de Oxossi

¹ As imagens foram tomadas de: acervo globo (Jovelina e Ruth), www.geledes.org.br (Clementina), www.bahianoar.com (Yalorixá)

Pensemos em todas essas, e outras tantas mulheres negras que lutaram e lutam até hoje, numa incessante busca pelo reconhecimento da própria identidade negra, resgatando aquelas que, por anos e milhões de motivos, aceitaram como se natural fosse, o preconceito, o machismo, o racismo, a intolerância de sua religião de matriz africana, a desigualdade salarial entre mulheres brancas e tudo aquilo que foi tirado não só enquanto mulher, mas como mulher negra. Obtendo tal consciência, devemos ter orgulho e honra de continuar a luta de mulheres como: Dandara, Antonieta de Barros, Maria Felipa Oliveira, Aqualtune, dentre muitas outras, que ao menos tiveram registro na nossa história.

A data de 25 de julho, não é somente para comemorar a criação do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha ou de Tereza Benguela, mas sim para trazer uma reflexão do papel das mulheres negras na sociedade e suas lutas contra tudo aquilo que as fez e que nos faz, vítimas de preconceitos, racismo, machismo, feminicídio e todo tipo de silenciamento, apenas por sermos mulheres afrodescendentes.

Esta luta existiu, existe, e continuará existindo...

Angela Davis disse: *Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.* Victoria Santa Cruz disse: *Gritaram-me negra*²



FERNANDA MARINHO
Estudante de Filosofia da UNILA
Ativista no Movimento Negro
Produtora Cultural
E-mail: nanda_foz@hotmail.com

² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RIjSb7AyPc0&feature=emb_logo